

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.069

Quarta-feira, 17 de Maio de 1922

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º — LISBOA — PORTUGAL

Endereço telegraphico: Talha — Lisboa — Telefone 5339-C

Officina de impressão — Rua da Alfama, 114 e 115

Aproveitando-se da ignorância do povo, os reaccionários tem especulado vergonhosamente com a "aparição" de Fátima. Fingindo-se muito neutrais neste caso, vão alentando a crendice no espírito popular, de fácil sugestão, procurando atingir o seu objectivo de embrutecimento das populações.

SOBRE A CONFERENCIA DE GENOVA Reconstituição económica?

Se outros motivos não existissem para se verificar a falência da burguesia em gerir os destinos sociais e económicos, bastaria o trabalho feito na conferência de Génova, consequência já de reuniões internacionais anteriores, para se aguilatar do seu valor, da sua capacidade na direcção da sociedade.

Claramente que não podemos — como ninguém em iguais circunstâncias — examinar detidamente, em todos os seus pormenores, o que foi aquela conferência, posto que o fazemos quasi sobre o joelho, na febre de quem tem necessidade de dizer aos leitores o que se nos figura indispensável para formular um juízo aproximado do que ao mundo mais interessa.

Recordemos que aquela conferência se anunciou como necessária para se lançar as bases da reconstrução económica da Europa abalada e com muitos dos seus melhores valores materiais destruídos pela guerra.

Deixemos por agora as causas da guerra. Constatemos apenas o facto verificado e comprovado de que a guerra foi determinada pela ambição de novos mercados e pela necessidade de dar saída aos canhões e munições com os quais estava comprometida a finança de várias plutocracias.

Já essa questão foi suficiente para se aguilatar da capacidade da classe dominante, que não soube regularizar os seus negócios sem recorrer à destruição de uma boa parte da humanidade.

Terminada a guerra, o seu primeiro cuidado foi obstar as coalizões populares que lhes destruíram os privilégios, posto que o claro oriental era por demais ameaçador e facilmente poderia suggestionar as populações escravizadas do ocidente, levando-as a reconstruir o que o egoísmo e as tarras ancestrais haviam destruído.

Presa a sociedade duma situação angustiosa, graças aos maneios dos agiotas e à baixa especulação dos assambradores que pululavam como corvos sobre todas as populações, urgia reconduzir a produção pelo menos à situação de antes da guerra, para que ao menos houvesse a sensação de que tudo melhorava.

Comitê Confederal
K.une hoje, pelas 20 horas
o Comité Confederal.
Congresso Nacional Operário
Reúnem hoje, pelas 21 horas, os membros da Comissão Organizadora do Congresso Nacional Operário.

SAUDAÇÕES

A nova comissão administrativa do Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, ao tomar posse dos seus cargos, enviou saudações calorosas ao nosso jornal.

Também a mesma comissão administrativa saudou efusivamente todos os trabalhadores manuais e intelectuais de todo o mundo, sem distincção de raças ou crenças, na esperança de que pelo esforço comum se consigam abrir novos horizontes de Liberdade e Justiça, preparando assim o advento duma Sociedade mais justa e equitativa.

Congresso Nacional Corporativo da Indústria da Construção Civil

Reuniu ontem a comissão organizadora, que apreciou vario expediente dos sindicatos relativo ao proximo congresso, ao qual deu o devido despacho. Também constatao que entre o operariado da Construção Civil existe enorme entusiasmo pela realização do congresso corporativo, tendo já recebido algumas adesões de sindicatos, sendo de crer que os restantes apressam as suas communicações.

Resolveu também comunicar a todos os organismos que quiserem duvidas ou esclarecimentos poderm ser pedidos a comissão organizadora.

Na Conferência de Génova seriam assentes as bases. Afinal, antes mesmo de se verificar a sua esterilidade, logo se descobriu o jogo que havia por detrás de todas as promessas de reconstrução económica.

Do que se tratava era de constituir um «Sindicato ou Cooperativa» de exploração popular em alta escala. Dos benefícios aproveitavam apenas os participantes da nova Sociedade de Responsabilidade Limitada.

Por necessidade prestavam-se a isso os governos russo e alemão, desde que lhes ficasse garantida a hegemonia do poder, e muito bem visto que na «sua» casa mandam eles...

A parte do tácito reconhecimento do governo russo pelos restantes Estados capitalistas — facto de certa importância moral para um governo, que pretende marcar na esquerda e que se pode afirmar vantajosamente — o problema da reconstrução ficou insolúvel, como insolúvel ficará depois mesmo de serem nomeadas as comissões encarregadas de examinar algumas das questões que surgiram em Génova.

Mais uma vez se demonstrou, em toda a sua plenitude, que não caberia à burguesia o trabalho de reconstrução.

Tendo-se em conta que não há reconstrução sem trabalho efectivo que produza riqueza, e tendo-se em conta que esta não se desenvolverá no regime da concorrência sob a base moral dum egoísmo feroz como o que caracteriza o regime burguês, não é ocioso afirmar que a reconstrução só se fará quando à mesma presidir uma orientação fundada no interesse comum.

Não está nas normas dos Estados capitalistas, feis guardiões dos privilégios de classe e de casta, contribuir para uma solução daquela natureza.

Falou toda a sua diplomacia. Sustenta-se apenas pelas aparências. O trabalho de reconstrução só será feito pelos que produzem, pelos organismos representativos do Trabalho.

O resto vai sendo entretenimento, aliaz bem pesado e penoso para os que produzem.

Não nos restam dúvidas.

Elucidativo depoimento

O dr. sr. Asdrubal de Aguiar, entrevistado pelo Seculo, edição vespertina, tratou largamente duma questão palpitante — os crimes contra a honestidade — que a Lisboa dá a caracteristica da corrupção sexual — violações, atentados ao pudor, etc.

Sobre os motivos determinantes desses crimes tem aquele medico estas opiniões, que transmitiu ao jornalista e que, com a devida vénia, registamos: «A varios factos, entre os quaes, a meu ver, cabe maior motivo — a carestia da vida, a grande guerra e a vaga mórbida que assolou o mundo no segundo semestre de 1918. Vejamos: a vida começou a encarecer em 1914 e consequentemente a miseria a accentuar-se por então. Sabe-se que, quando a produção do trigo aumenta e as colheitas são fartas e que, quando a viticultura floresce diminuindo em conjunto os preços do trigo e do vinho o numero de casamentos aumenta, ou antes, para ser mais preciso, o numero de ligações licitas ou ilicitas aumenta; pelo contrario nos períodos de fome aquelles ligações diminuem. Tem-se visto sempre que há uma estreita relação entre o numero de ligações estaveis e o numero de crimes de que ha acções em julho. De 1916 a 1918 o numero de quebras em juizo manteve-se superior a 100 por ano. A partir de 1918, na segunda metade a miseria aumenta, agravando-se a carestia da vida e o numero de quebras em juizo sobe logo a 150 por ano, aproximadamente.

Com a vida barata os autores dos crimes contra a honestidade ligam-se ainda que ilicitamente mais vezes ás suas victimas por isso que podem mais facilmente arcar com as despesas do casal. Com a vida cara, mal cometem o crime tratam logo de abandonar as victimas.

Conferencias

Universidade Popular Portuguesa

Por motivo imprevisto, não se realiza hoje, na VI secção, Associação dos Operários Chapeleiros, Rua do Arco Marquês de Alegrete, 30, 2.º, a conferência do dr. sr. Santa Rita, sobre «Evolução da Humanidade».

Gastar cêra...

Fez bem A Batalha fechar a discussão sobre o meu artigo de critica ao partido socialista. Mas eu é que não posso ficar à porta, com cara de tolo, e a vislhança a julgar-me mentiroso. Nenhum Silva socialista — e o partido tem muitos — é capaz de desfazer as minhas afirmações. A atmosfera de indiferença que eu fiz criar em minha volta, influiu maravilhosamente para que eu pudesse observar os homens e os factos. E hoje posso, de consciência livre, confirmar todas as afirmações feitas no meu artigo. A primeira demonstração de que não errei os meus pontos de vista gerais — discutir detalhes é próprio de quem não tem opiniões seguras — é a adesão do sr. Amâncio Alpoim. Outros factos virão, e os Silvas socialistas bem os presentem, a não esquecerem o que se disse no congresso e nos jantares do Nabão Hotel. Aqui e nas excursões ouvi os bastos vezes gabarem-se de terem comido os adversários.

Espero que o sr. Joaquim da Silva saiba iluminar-se bem com este coto de vela, que lhe ofereço na intenção humana de que a sua ingenuidade moça não possa servir de instrumento nas mãos de políticos sem escrúpulos e sem moral.

Ponto final.

David de CARVALHO

U. S. O.

A falta de delegados ás reuniões do conselho

A Comissão Administrativa, no intuito de que esta União possa corresponder à missão para que foi criada, acaba de enviar aos sindicatos, que ultimamente se não tem feito representar nos conselhos deste organismo, a seguinte circular:

«Presados camaradas: Precisa esta União de levar a efeito um determinado numero de trabalhos tendentes ao desenvolvimento sindical do operariado local, e certamente não desconhecéis que sem a presença dos delegados a este organismo, esses trabalhos resultam improficuos, porquanto esta União não vive do nome, mas sim da assiduidade e dedicação que os seus delegados lhe deão.

Acontece, porém, que o vosso sindicato há mais de três sessões do Conselho de Delegados a esta União que se não faz representar, o que, além de ser lastimável, prejudica imensamente o desenvolvimento deste organismo e contribui também muito para que o vosso sindicato ignore o que aqui se passa.

Sendo assim, tem esta circular por fim lembrar-vos a conveniência de obstar a que estes factos se repitam, e bem assim providências de molde a que na próxima reunião do Conselho e nas futuras, o vosso sindicato não deixe de estar representado.

Não esqueceis que a União sem delegados não pode desempenhar-se da sua missão.

Saúdações fraternais.

O Secretário Geral, — Alberto Monteiro.

Tribunaes dos Arbitros Avindores e dos Desastres no Trabalho

Esta União convida os árbitros operários aos referidos tribunais, a comparecerem hoje, pelas 20 horas, no 2.º gabinete, Calçada do Combro, 38-A, 2.º, para assuntos importantes e que dizem respeito ao funcionamento dos mesmos tribunais.

AVIAÇÃO

A viagem aérea Lisboa-Madrid

Ontem às 6.50 saiu do Campo de Aviação o primeiro aeroplano, que, ao aterrar, se demorou. As 7.10 partiram três tripulados pelos aviadores sr. António Maia, Pais Ramos e Paiva Simões que às 11.25 aterraram em Madrid, no aerodromo de Quatro Vientos, após uma viagem magnifica e felicissima. Hoje, seguem, em aeroplano, para Madrid, os aviadores sr. Beires e Sérgio da Silva.

O "raid" Lisboa-Rio de Janeiro

O aviador Sacadura Cabral enviou ontem um telegrama manifestando-se de acordo com o envio do hidro-avião para a travessia aêrea do Atlântico proseguir. O comandante do cruzador República pediu para ser aviado da partida do Carvalho Araújo.

O sr. ministro da marinha deu ordem para se apressar com toda a urgência o cruzador Carvalho Araújo, devendo o arsenal preferir a quaisquer outros todos os serviços referentes aquele cruzador. A bordo deste navio vai ser colocado o pau de carga do vapor Viana dos Transportes Marítimos, para a condução do hidro-avião.

Congresso Ferroviário

Reuniu ontem a comissão organizadora do Congresso Ferroviário, em sessões diurna e noturna, ocupando-se da forma de levar a efeito a grande reunião da família ferroviária, tomando resoluções para serem presentes ao Congresso.

A comissão espera dar por findos os seus trabalhos brevemente, publicando uma nota officiosa esclarecendo-os.

Alexandre Vieira e Alfredo Marques

Refine hoje, às 20 horas, a comissão, para ultimar os seus trabalhos, com a maior brevidade possível.

A mistificação clerical de Fátima

A ignorância popular, filão inexgotável do catolicismo

Lourdes, que tentou sempre a gula reacionária, vai ter sucursal neste país. Após varias tentativas infelizes, a de Fátima parece ter enxertado. Há dias convergiram para lá, em romaria, milhares de pessoas, na sua maior parte, da mais humilde categoria social e intelectual. Os padres acorreram em grande numero, disseram-se missas sobre missas, houve mil communhões, corações ludios e numerosos, que com extraordinária resignação suportavam torrenciais aguaceiros. Na Cova da Iria, inumeras criaturas encheram barris, garrafas, bilhas, garrações de agua, duma água barrenta, péssima, enquanto que outros sofregamente a bebiam.

A sofreduguidão em beber uma agua desagradavel — porquê? A romaria a Fátima — porquê? Pasmem os que não perderam o juizo os que amam a verdade, em vez de rezar a mentira:

Porque a Virgem — a Virgem, Fátima! — há anos appareceu em Lisboa a 3 crianças esbarapadas. Duas delas morreram — seria ordem da Virgem? — e a outra, a outra, sabe-se lá onde pára...

Uma tentativa falida foi a de Balugães, onde a virgem Maria appareceu a um pobre diabo de que já me não recordo, ao certo, se era surdo ou cego. O exito não bafegou a especulação e a igreja não mais se importou com o extraordinário milagroso apparecimento da virgem. A mãe de Cristo, vadia incorrigivel, anda pelas estradas e locais onde a civilização não passou e a escola não surgiu, a apparecer inopinadamente aos analfabetos e anormais, crianças ou idiotas. Essa virgem Maria, grotesca e caprichosa, só executa as aparições ridiculas e carnavalescas quando a igreja muito bem quer. O abecedário enxota esta virgem de trazer pelos montes, a escola fá-la evaporir, fá-la desaparecer. Apareceu em Balugães — mas a igreja deliberou não lhe ligar a importância e aí vem a virgem Maria, vagabunda incansavel, a Fátima. Aparece aos três militos. A igreja mantém-se numa reserva velhaca. Chega a introduzir-se alguns milhares de pobres almas crédulas a crenga nessa ultra-fantástica aparição — a igreja mete o bedelho e o bispo de Leiria bota epistola. Qualquer dia apparece a venda as maravilhosas aguas de Fátima, rivais das maravilhosissimas aguas de Lourdes! Tudo se prepara para isso... Em Fátima não faltou quem as bebesse...

A igreja está abusando descaradamente das aparições da virgem, está abusando atrevidamente da ignorância dos simples, está especulando vergonhosamente com os malaios, com os hispanicos, com os tarados.

Lourdes deu exito, dinheiro em barba, força a fé já combalida, acrecendo de ovelhas ao rebanho católico e para a igreja «o successo tudo justifica»! A virgem em Lourdes appareceu a Bernadette e falou, disse esta enormidade.

Eu sou a Imaculada Conceição. Era a virgem, a enlaidada virgem Maria, sancionando o dogma!

Em Fátima fez brolar água — e a água vai converter-se em dinheiro. Sempre que a Virgem apparece os coíres da igreja enchem-se. Cada aparição pesa toneladas de metal dos bolsos dos crentes.

Se, alguém, de tam excelente e esquisita boa fé exista, que ainda espere que eu venha demonstrar, com implacavel seriedade, o absurdo de tais aparições, retorquid-lhe-ei o seguinte:

— A Virgem, para apparecer, devia primeiro que tudo ser virgem, e ela, foi a Virgem menos virgem de todas as virgens que a minha memoria recorda.

Creio sim, na virgindade da Bernadette, dessa pobre, meiga e cândida Bernadette que não foi, nem esposa nem mãe, por lhe ter apparecido a Virgem... mãe.

A virgem Maria não pode merecer-me confiança depois das cartas que ela escreveu e, que uns missionários venderam em Braga, há algumas dezenas de annos. A essa Virgem que escreve epistolas e só a analfabetos apparece, eu só lhe posso replicar risionalmente, sem ressentimentos:

— Talvez te escreva, oh Virgem!

Cristiano LIMA

O brio profissional

O produtor deve afirmar a sua personalidade para que melhor aproveite as conquistas realizadas

O produtor deve revelar, na obra por si realizada, o amor pela sua profissão. Este culto pode torná-lo digno por demonstrar a elevação do seu espirito.

Para que ele saiba progrear a perfeição ao executar a sua obra, educar-se naturalmente as suas tendências no exercicio da sua profissão. No desenvolvimento desta educação, pelo amor da sua profissão e pela elevação da sua personalidade, o produtor adquirirá o conjunto dessas qualidades, que nós designamos por brio profissional.

A situação económica influi sempre nesta afirmação de dignidade. Nos países de maior desequilíbrio económico e social, por razões já por nós largamente expostas, o produtor não possui geralmente o brio profissional, e, como consequência, a ausência do amor ao trabalho é, em si, absoluta.

Miseria deprime o moral do produtor, o qual trata apenas de juntar trabalho, com o fito no salário, sem que possa raciocinar que uma menor produção tenha qualidades mais perfeitas.

Os maiores responsáveis por esta desmoralização do produtor são justamente os patrões que, dominados pelo egoísmo de reair grandes lucros pela muita venda dos produtos, não se incomodam para nada com a beleza e a perfeição, coisas que eles não sabem compreender, porque o sentimento se lhes embotou no des-

fruto dum poder e de bens adquiridos sem esforço.

Este estado de coisas deprime a situação moral do produtor, o qual perde o amor da profissão, torna-se preguiçoso, em virtude das suas privações e da sua miseria. Nestas condições o trabalho não resultará útil nem para o indivíduo nem para a colectividade.

O problema deve preocupar bastante os que se dedicam ao aperfeiçoamento e à cultura dos proletários.

Em Portugal, por exemplo, o estado moral do proletário é bastante desolador. Muitas vezes, na execução dum trabalho, ele não tem a noção das suas responsabilidades profissionais.

Procura executar o trabalho febrilmente, com rapidez, timorato ante a presença de superiores hierárquicos ou aguardando ansiosamente que as horas decorram, para se libertar da tutela realmente pouco desejavel.

Nós compreendemos, e sentimos bem de perto, as causas deste estado de espirito do operariado e, se bem que não possamos condemná-lo por não ser elle o responsável directo, nós observamos os factos com amargura.

As conquistas revolucionárias do menor esforço, do direito operário a partilhar da produção para receber os seus benefícios, do trabalho executado livremente e em comum, da satisfação máxima das suas necessidades físicas e psiqui-

OS ALIADOS TAMBEM DEVEM PAGAR

O QUE A RUSSIA TEM O DIREITO DE EXIGIR

A Entente reclama à Rússia um número fabuloso de milhões antigas dividas do czar, dinheiro que emprestaram os pequenos rendeiros franceses ao senhor de todas as Russias afim de que pudesse manter infinitamente o seu povo na opressão, na ignorância e na miséria, indemnizações varias. Mas com maior razão e mais direitos, fortes perante todo o espirito imparcial, a delegação russa em Génova opõe ás pretensões da Entente as reclamações legítimas dum grande país, no qual a reacção imperialista internacional proseguiu durante quatro annos na devastação e no assassinato sistemáticos. A delegação russa apresentou a Entente a nota do que deverão pagar equitativamente as potencias aliadas.

Um cálculo muito aproximado dos donos causados à Rússia, pelas intervenções armadas bastaria a tornar os Estados que se dizem civilizados, devedores da Rússia durante muitos annos.

Para dar uma idea da nota, muito detalhada, do que ela deve receber, e que Tchitcherine apresentou a Lloyd George, a Facta e Barthou nós apontamos alguns capitulos muito resumidos. E neles não se enumera a perda de vidas humanas — o sacrificio, sangrento de metade da juventude russa e a morte de milhões de famintos — e também as energias perdidas consideravelmente pela humanidade nas guerras criminosas, coisas que não podem ser vez alguma calculadas e avaliadas.

A devastação da Ucrânia

A Ucrânia agricola e industrial, com a sua bela rede de caminhos de ferro, é uma das regiões consideradas mais ricas da Rússia e da Europa. Das suas 10.000 verstas de caminhos do ferro restam apenas ruínas. Foram destruidas as estações, os reservatórios de água, os postos das agulhas, as barroiras, quasi tudo destruido. Mas demos as cifras precisas.

A nota relata minuciosamente o numero de pontes destruidas no governo de Kiev; este numero ascende a quinze.

O valor dos edificios destruidos ao longo do caminho de ferro, na rede do sudoeste, é calculado em mais de 13 milhões de rublos, que dão ao par 6.500 contos de réis (ouro). Ficaram também destruidas 114 locomotivas, 3.318 vagões de mercadorias e 70 de viajantes. Valor superior a 14 milhões de rublos (para cima de 7.000 contos ao par, ouro).

O material pilhado nos depósitos pelos alemães, polacos, pelos soldados de Pleturia e de Dniukine não pôde ainda ser calculado; em todo o caso o seu valor é enorme.

Foram exportados pelos invasores 1.915 aparelhos telegraphicos ou telefonicos, 7.500 baterias electricas e mais de cinco quilómetros de cabos.

No total, só no governo de Kiev, os danos causados na rede dos caminhos de ferro do sudoeste elevam-se a 45.923.574 rublos em ouro, ou sejam mais de 229 mil contos em moeda portuguesa, ao par. E aquela rede estende-se pelas provincias de Podolia, Vo-

lhyria, Bessarabia, Odessa, Keson, Nikolascok, Kremenitchoug, nam quais a devastação foi menor.

A navegação sofreu perdas consideráveis. Apenas podemos citar neste capitulo as cifras relativas ao governo de Kiev. Os alemães incendiaram os estaleiros de construção naval e as flotilhas fluviais.

Os mercenários do imperialismo francês realizaram bem a sua tarefa de destruição da magnifica flotilha do Dniaper. Pode dizer-se, sem exagero, que está completamente destruida.

Destruíram-se 32 vapores para transporte de passageiros e de mercadorias, 22 rebocadores, 14 grandes dragas e 1.485 outras embarcações.

Em Retchisa, os polacos apropriaram 68 pequenos barcos para serviços técnicos e 14 outros grandes barcos carregados de madeira e de materiais de construção, ao mesmo tempo que incendiaram as instalações fluviais, no valor de 3 milhões de rublos (ouro). Os polacos destruíram, além disso, 85 desembarcadouros.

Depois dos transportes, a industria dos açucares foi a que mais sofreu, por estar concentrada na margem direita do Dniaper. Os polacos saquearam os depósitos que continham açúcar no valor superior a 30 milhões de rublos, ouro, e destruíram ou exportaram material técnico no valor de 70 milhões de rublos (35 mil contos).

As perdas sofridas na instalação dos correios e telegraphos elevam-se a 10.168.569 rublos (ouro). O banco de Kiev sofreu numerosos saques, tendo um prejuizo de muitos milhões de rublos. Numerosos edificios, armazens e escolas foram incendiados. Além disso os invasores levaram também grandes stocks de alcool, papel e instrumentos de precisão. Numerosas vias férreas locais ficaram completamente destruidas.

As devastações na Sibéria

O almirante Koltchak fez mão baixa sobre as reservas de ouro do Estado russo, as quaes foram também saqueadas pelos techecoslovacos.

Não chegaria um volume para enumerar os actos de destruição cometidos pela contra-revolução na Sibéria.

Os japoneses apressaram oito barcos fluviais, em pontos diversos. Na sua retirada, os exércitos de Koltchak fizeram saltar 167 grandes pontes, destruíram numerosas gares, 7 reservatórios de água, 66 instalações de água, e sete décimos do total de locomotivas existentes na Sibéria.

A agricultura siberiana sofreu bastante. Em 35 distritos rurais, pouco povoados de do Altai e do governo de Krasnoyarsk, verificou-se que 135 habitações foram incendiadas e 118 herdades foram completamente arruinadas.

Calcula-se que Koltchak fez incendiar, em toda a Sibéria, 20.000 casas, destruíram 56.000 herdades de camponeses e confiscaram 40.000 cabeças de gado.

assim realizado tornasse possível ao produtor a noção do seu direito — para que elle saiba exigir e bem as suas conquistas.

Classes que reclamam

Manufactores de calçado

Na reunião de ontem, esta classe tomou conhecimento que ao pessoal das casas: sapataria Aures, Câmara e Cruzadas e Modelos, não foi satisfeito integralmente a tabela, pois excluíram uma parte do pessoal, o que causou grande indignação na classe.

Além destas casas, há ainda algumas em diminuto numero, que continuam sistematicamente a não aceitar a tabela, devendo reunir a classe amanhã para resolver o caminho a seguir.

Hoje continua a comissão de demarches na sua missão, para dar solução a pequenos conflitos que não tem razão de existir.

Reúnem hoje, pelas 9 horas da manhã, o pessoal da E.H.; Costa de S. Vicente às 11 horas, e Modelos, às 20 horas.

A C. P. E A GREVE DO MOBILIARIO

As artimanhas dos patrões e a solidariedade dos operários

Se aceitarmos como boa a opinião de alguns antropologistas sobre a genealogia do homem e do macaco—dando o primeiro como evoluindo através dos tempos e com tendências a aperfeiçoamento físico e moral e o segundo mantendo-se no seu estado primitivo e conseguindo apenas macaquear o que faz o seu primo—homem—chegamos à conclusão de que a Portugal o país que menos tem acompanhado a evolução, limitando-se a imitar o que lá fora se vai produzindo; e, se em alguns portugueses não se verifica ainda um prolongamento da espinha dorsal de forma a dotá-los com um apêndice posterior, razão existe para muitas vezes, os símios se sintam envergonhados da tanchês espiritual dos seus primos que se afirmam mais aperfeiçoados.

Assim fazendo um resumo confrontando sobre o que no mundo em fora se passa no que diz respeito à luta social e económica, vemos nós que, enquanto que nos outros países a casta predominante, com a visão do aproximar dum fenómeno da evolução que nivelará todos os homens, vai, pouco a pouco, transgredindo com as arremetidas lógicas da parte dos espoliados, que pretendem a comunhão do que não deve ser pertença de qualquer, cá vem-se seguindo na regeneração de tudo e sem a noção clara e impida da gravidade do momento, é, não se supunha que o nosso parcialismo nos conduz ao ponto de só apontarmos falhas no campo que nos é antagónico. Não. Nós também os temos; e bastará vermos que a questão económica vem-se sobrepondo à questão política. As classes trabalhadoras despertam e reclamam só quando a miséria os aflije o que não acontecerá quando se forem capacitando dos seus direitos, porque então a sua luta, norteadora por outro grau de consciência, será constante.

O patronato português, habituado também às distâncias manifestações dos seus operários, não cura de saber se elas são ou não razoáveis.

Os operários reclamam? Procura-se esmagá-los. Eis tudo.

Falta-lhes a mentalidade, mas sobejam-lhes a maldade; e, assim, deixam-se guiar pelo primeiro indivíduo que se lhes depara, com pretensões de esperto, tudo lhe dando, só para que os operários fiquem bem esmagados.

Porém, há males que vêm por bem, e eles não contam que os operários algo de proveitoso vão colhendo das lutas travadas, quando é óbvio que a renitência patronal dá sempre ao a uma melhor afinação de consciências para lutas futuras.

Só assim, pelos ensinamentos do passado, se pode compreender que os operários do mobiliário, na sua luta presente, tenham resistido tantos dias e apresentem predispostos a manterem-se até à consumação do que reclamam.

E' uma luta cheia de peripécias e de fadigas, pesantíssimas; apresenta-nos três adversários distintos, mas dois só verdadeiros: Os operários, que reclamam para conseguir; os industriais, que cedem de início, mas que, logo após, subjugados pelo comercialismo, falam aos compromissos tomados. Os comerciantes da mobília, gananciosos em extremo, tendo feito sempre contas de «gran-captão», puxando a si todos os lucros e não deixando que os industriais saiam da «cepa torta», deixaram-se levar pelo canto da sereia Patronal e obedecem às suas mais disparatadas ordens. Vistas bem as cousas, ve-

José ESPINHEIRO

Subscrever-Vos para os russos que têm fome

(*) Transporte. 5.739\$54

José António de Oliveira...	\$50	Silva...	\$50
Anónimo...	\$50	V. M. ...	\$50
Manuel Moreira...	\$50	A. E. A. ...	\$100
Guilherme Gomes...	\$50	Mesquita...	\$50
Ludger da Conceição...	\$50	M. ...	\$50
Gongalo da Rocha...	\$50	H. V. ...	\$50
Caetano Soares...	\$50	Barros...	\$50
Maria Soares...	\$50	R. ...	\$50
Francisco Viana...	\$50	José Geraldo (Lagos)...	\$250
Francisco Viana...	\$50	Augusto Gonçalves Coimbra...	\$100
Alice Viana...	\$50	Grupo dos Cachinetas...	\$30
Manuel Gonçalves...	\$50	Jólio da Anunciação...	\$100
Palmyra Gonçalves...	\$50	Quete na Associação dos Moços e Marinheiros da Marinha Mercante...	\$1250
Augusto C. da Silva...	\$50	A. Vieira...	\$250
Jesuíno da Silva...	\$50	Maria B. Ferreira...	\$50
Ena Pereira...	\$50	E. A. R. ...	\$50
Ídilio ...	\$50	Francisco Miguel de Azevedo...	\$50
António Castano...	\$50	Quete num reitor em honra de Miguel de Sousa...	\$920
António Figueiredo...	\$50	Quete entre os componentes do grupo de 7 Maio (Beja)...	\$920
José Cardoso...	\$50	Frederico Silva Rosa...	\$500
Eduardo Costa...	\$100	João Miguel Mauricio...	\$100
Maria Conceição Costa...	\$100	João Nunes Alves...	\$250
João Cândido...	\$10	António Ferreira U. B. ...	\$200
Manuel Lopes...	\$10	Quetes pelo 1.º de Maio em várias localidades:	
Rozendo...	\$100	Quete em Aljustrel...	\$10320
António dos Santos...	\$50	Quete em Sines...	\$20820
Amadeu Luís Pereira...	\$50	Quete em S. Tiago Cacém...	\$16855
Ambrósio...	\$150	Quete em Alcanena...	\$25820
Um ex-2.º cabo de artilharia da C. N. R. ...	\$50	Quete em Messemes...	\$33820
A. Antunes...	\$10	Quete em Pias...	\$12865
José dos Santos...	\$50	Quete em S. Estêvão...	\$17870
João Lamas...	\$30	Quete em S. Estêvão...	\$10850
Manuel Amaro...	\$50	Quete em Lagos...	\$46500
José Supremo...	\$50	Quete em Lisboa aberta pela comissão pró-operários...	\$114500
Elvira da Silva Coelho...	\$20	Quete em Lisboa aberta pela comissão pró-operários...	\$114500
Manuel Paciência...	\$50	Quete em Lisboa aberta pela comissão pró-operários...	\$114500
António Pereira Frago...	\$50	Quete em Lisboa aberta pela comissão pró-operários...	\$114500
Mário Ferrão do Nascimento...	\$50	Quete em Lisboa aberta pela comissão pró-operários...	\$114500
José Silva...	\$50	Quete em Lisboa aberta pela comissão pró-operários...	\$114500
Henrique Soares...	\$50	Quete em Lisboa aberta pela comissão pró-operários...	\$114500
Francisco Marcello...	\$50	Quete em Lisboa aberta pela comissão pró-operários...	\$114500
Augusto dos Santos...	\$50	Quete em Lisboa aberta pela comissão pró-operários...	\$114500
João Silva...	\$50	Quete em Lisboa aberta pela comissão pró-operários...	\$114500
Ricardo Matias...	\$10	Quete em Lisboa aberta pela comissão pró-operários...	\$114500
Mário Augusto dos Santos...	\$10	Quete em Lisboa aberta pela comissão pró-operários...	\$114500
Benjamin Lopes...	\$30	Quete em Lisboa aberta pela comissão pró-operários...	\$114500
João Marques da Silva...	\$20	Quete em Lisboa aberta pela comissão pró-operários...	\$114500
Estevão da Silva...	\$20	Quete em Lisboa aberta pela comissão pró-operários...	\$114500
Francisco António...	\$30	Quete em Lisboa aberta pela comissão pró-operários...	\$114500
Ídilio da Costa...	\$30	Quete em Lisboa aberta pela comissão pró-operários...	\$114500
A. M. ...	\$100	Quete em Lisboa aberta pela comissão pró-operários...	\$114500
J. L. ...	\$100	Quete em Lisboa aberta pela comissão pró-operários...	\$114500
Prieta...	\$250	Quete em Lisboa aberta pela comissão pró-operários...	\$114500

(*) Na lista publicada no dia 4 de Maio encontra-se na soma total a mais de 1750 em consequência duma duplicação de lançamentos, devendo, portanto, o transporte de 14 de Maio para hoje, em vez de 5.739\$54 deve ler-se 5.739\$54.

Coliseu dos Recreios

HOJE - A/s 21,30(9,30) - HOJE

Emocionante espectáculo de luta DEDICADO A

Distinta Colónia Espanhola

Grandioso match desforra

entre os valentíssimos campeões

CONSTANT MARIN

e OCHOA

5 - Combates de luta livre - 5

Raoul St. Mars contra Wilson

Grilo contra El Segundo

Masseti contra Fournier

Stroobants contra Roberti

Ghyssens contra Léon d'Angers.

Apesar de ser um programa extraordinário, os preços não foram aumentados, não se dando entrada de favor.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Sindicato U. da Construção Civil - Comissão Administrativa - Reunião

ontem tendo apreciado vario expediente a que deu o devido despacho.

Entre outros assuntos, resolveu entrevir o governador civil no sentido de conseguir deste autorização para que o sindicato leve a efeito um bando precatório pró-laminos russos e caboverdeanos, o mais rápido possível.

Pessoal da E. P. L. - Reunião ontem,

às 20 horas, em assembleia geral que apreciou assuntos que se prendem com a caixa de pensões e reformas. Sobre a caixa falou o sr. Manuel Inácio Ferraz, dos funcionários E. P. L. Aderindo a U. S. O. sendo nomeados Joaquim Elétrico, José Feliciano e Silvestre dos Santos para lhe dar conhecimento desta resolução.

CONVOCAÇÕES

Federação Nacional da Construção Civil - Comissão Administrativa - Reunião hoje, pelas 21 horas, para resolver assuntos de urgência.

S. U. Mobiliário - Para tratar de varios assuntos de importância, reúne amanhã, às 17 horas, a assembleia geral deste sindicato.

Sindicato Unico da Construção Civil - Para apreciar o questionário enviado pela F. N. C. C. aos seus sindicatos aderentes por motivo do conflito existente entre esta Federação e a C. G. T. reúne hoje em assembleia geral pelas 20 horas, para se assentarem definitivamente na resposta a enviar à Federação.

Devido ao assunto a resolver ser de magna importância é indispensável a comparencia de todos em especial os militantes para que os trabalhos não sejam deturpados do seu verdadeiro objectivo.

Secção Profissional dos Pintores - Reúne hoje, pelas 20 horas, a comissão que está incumbida de tratar da inauguração do retrato do camarada Francisco Santos Cruz.

Comissão Profissional dos Canteiros - Reúne esta comissão para tratar do aumento de salário, tendo aprovado 10 propostas para novos sócios.

SINDICATOS

U. S. O. de Almada. - Reúne hoje o conselho de delegados desta União, pelas 20 horas, na Associação dos Corticeiros.

A/s 19 horas reúne a comissão administrativa para tratar de assunto urgente.

Sindicato Unico da Construção Civil de Almada. - Reúne hoje, pelas 19 horas, a assembleia geral deste sindicato.

SOCIEDADES DE RECREIO

Academia Recreativa Nacional. - Reúne hoje, às 21 horas, em assembleia geral para apresentação de contas, nomeação de cargos vagos e apresentação e discussão do projecto dos estatutos.

do da anarquista

Grupo Libertário «Terra Livre». - Reúne hoje, às 21 horas, no local do costume, para tratar de assuntos urgentes.

A BATALHA

Diário da manhã

Porta-voz da Organização Operária Portuguesa

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Continente e ilhas, 1 mês, 2430; 3 meses, 7450; 6 meses, 15400; 1 ano, 30400.

África Ocidental e Espanha, 3 meses, 7450; 6 meses, 15400; 1 ano, 30400.

Colónias portuguesas, 6 meses, 20400; 1 ano, 40400.

Países estrangeiros, 6 meses, 25400; 1 ano, 46400.

O pedido de assinatura e de qualquer obra de apoio de livreria de A Batalha devem ser acompanhados das respectivas importâncias e dirigidos à administração de A Batalha, calçada do Combro, 38-A, 2.º, Lisboa-Porto.

Recebem-se na administração de A Batalha e em casa dos seus agentes das províncias, nas agências Havas, Bastos & Gonçalves e demais agências de anúncios. Não se publicam comunicados e anúncios com acusações a particulares ou a vida privada de qualquer pessoa.

ANÚNCIOS

Correspondência

A correspondência relativa à redacção deve ser dirigida a Alexandre Vieira, redactor principal de A Batalha.

Os assuntos relativos à administração não devem ser enviados na correspondência para a redacção, devendo ser tratados em nota a parte. Não se restituem os autógrafos.

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Calçada do Combro, 38-A, 2.º

TELEFONE 5339

A BATALHA

A FUNÇÃO DOS SINDICATOS NA REVOLUÇÃO

O meu recente artigo sobre «Sindicalismo e Anarquismo» suscitou dúvidas em alguns camaradas, que, todavia, estão de acordo com os meus argumentos, que eu sustentei. Um deles escreveu-me:

«Visto que não saltaremos a pés juntos da sociedade burguesa à sociedade anarquista perfeitamente organizada, não poderiam ser os sindicatos — os das profissões úteis, não os dos marmoristas e joalheiros — os órgãos, pelo menos provisórios, necessários à organização da produção e da distribuição, que deverá continuar sem interrupção no período revolucionário».

Perfeitamente. E é porque estou convencido, que os sindicatos podem, e devem exercer uma função utilíssima e talvez necessária, na passagem da sociedade actual à sociedade igualitária, que eu queria, que eles fossem julgados pelo seu justo valor, e que se tivessem sempre presente a sua natural tendência para se tornarem corporações fechadas preocupando-se só com os interesses egoístas de categoria, ou, pior ainda, com os interesses das organizações, para poder melhor combater essa tendência, e impedir que os sindicatos se tornem órgãos de conservação. Do mesmo modo, assim como reconheço a utilidade importantíssima, que podem ter as cooperativas no habitar dos operários a resolverem os seus próprios negócios, e de funcionarem, no início da revolução, como órgãos prontos para a organização da distribuição dos produtos, servindo como centros de atracção em volta dos quais se poderá recolher a massa da população, no entanto, eu combato o espírito mercantilista que tende naturalmente a desenvolver-se nelas, e desejaria, que fossem abertas a todos, que não dessem privilégio algum aos seus sócios, e sobretudo que se não transformassem, como acontece frequentemente, em verdadeiras sociedades anónimas capitalistas, que empregam, e exploram assalariados, e especulam sobre as necessidades do público.

Segundo a minha opinião, cooperativas e sindicatos, tais como são em regime capitalista, não conduzem naturalmente, pela sua força intrínseca, à emancipação humana (é este o ponto em controvérsia), mas podem produzir o mal e o bem, serem, hoje, órgãos de conservação ou transformação social, servirem amanhã a reacção ou a revolução, segundo se limitem à sua própria função de defensores dos interesses actuais dos sócios, ou sejam animados e impulsionados pelo espírito anarquista, que lhes faça esquecer os interesses em homenagem aos ideais.

E por espírito anarquista entendo aquele sentimento largamente humano, que aspira ao bem de todos, à liberdade e à justiça para todos, à solidariedade e ao amor entre todos, e que não é dote exclusivo dos anarquistas próprios ditos, mas que anima todos os homens de coração bom e de inteligência aberta.

Por si mesmo o movimento operário, tendo por fim a protecção dos interesses actuais dos trabalhadores e unido especialmente dos membros de cada sindicato, tende naturalmente a diminuir a concorrência no mercado do trabalho para poder melhor resistir às pressões dos patrões, a impedir a entrada de novos sócios nas organizações chegadas a um certo grau de desenvolvimento, a fazer do trabalho qualificado e mais bem pago um privilégio dos organizados, a criar, em suma, uma nova classe privilegiada numa nova categoria interessada em entender-se com os patrões, em tornar-se cúmplice da exploração

Os operários especializados desprezam os manuais; os brancos desprezam e oprimem os negros; os «verdadeiros americanos» consideram como inferiores os chineses ou os italianos, etc.

Se houvesse uma Revolução nos Estados Unidos, os sindicatos fortes e ricos seriam certamente contra o movimento, porque teriam medo por causa dos seus cofres, e pela posição privilegiada, que a si asseguraram. O mesmo aconteceria na Inglaterra ou em qualquer outro país.

Isto não é sindicalismo, bem o sei; e os sindicalistas combatem continuamente esta tendência dos sindicatos a tornarem-se instrumentos de baixos egoísmos, e com isso fazem obra utilíssima. Mas a tendência existe, e não pôde ser corrigida, senão exorbitando dos métodos sindicais.

Os sindicatos serão utilíssimos no período revolucionário, mas com a condição de serem... o menos sindicalistas possível.

Voltarei ao assunto.

Henrique MALATESTA

AS GREVES

Operários mobiliários

Continua a greve dos operários desta indústria, se bem que dia a dia vai diminuindo o número de grevistas. A comprovar isto está o facto de haver colocação para entalhadores, e não os haver desempregados.

Na assembleia que ontem se realizou, foi dada conta dos trabalhos realizados pela comissão de negociações, a qual não tem tido mãos a medir para atender a freguesias particulares que diariamente solicitam pessoal para reparações e pedir indicações de fabricantes para se livrarem da ganância dos lojistas, tendo-se atendido todos os pedidos.

NOTA DO COMITÉ

Camaradas: A caminho de dois meses de luta, mais do que nunca nos alenta a convicção de que ainda que muito peze aos nossos patrões — a vitória nos está assegurada.

Sentindo já os estremecimentos da torre de marfim em que se firmaram, convencidos já de que a grande entidade em que confiaram a solução do conflito, nada mais fez que ensinar-lhes o caminho da ruína, vão procurando já a melhor forma de sair do bico em que se deixaram meter. Já ontem alguns industriais reabriram as oficinas accedendo às nossas reclamações, e outros que já o tinham sofreram a decepção de receber do seu pessoal a resposta de que só voltaria finda a greve, visto que está colocado... Outros, lamentam-se e confessam, enfim, que falamos verdade quando afirmamos que esta luta seria mais contra os pequenos industriais do que contra nós, por consequência uma luta de enganos entre patrões que, com a deslealdade própria de concorrentes industriais e comerciais, aproveitaram as reclamações operárias para lançarem a discórdia entre os seus colegas e o pessoal que eles lhes cobigavam. Veja-se que os inspiradores da luta por parte dos patrões, aqueles mesmos que os arrastaram para a «patronal», têm sido os mais lesaleis, traindo os compromissos a que os prenderam.

Continuamos a demonstrar com factos: Da casa José Olafio & C.ª safu no sábado um *toilette* para uma freguê a da rua Diário de Notícias, 104, 1.º.

Também já sabemos que as mobílias saídas da casa A. Armando Vanzel & C.ª foram encolmatadas para sair para África.

O comité central

A assembleia d'hoje é às 17 horas.

Ainda o 3.º aniversário de A BATALHA

Acabamos de receber de Fall River (América do Norte) uma carta, que gostosamente transcrevemos, onde uma comissão de amigos de A Batalha nos envia as suas saudações acompanhadas do produto duma quete ali aberta em auxílio deste diário.

A Batalha agradece penhoradamente a simpatia e o auxílio dispensado.

Passamos a transcrever a citada carta:

FALL RIVER MASS, 27-4-1922 U. S. A.

Prosados camaradas. — A comissão angariadora desta quete em prol do valeroso campeão do sindicalismo revolucionário A Batalha aqui envia, em nome dos que se subvertem, as mais entusiásticas saudações pelo seu 3.º aniversário, e faz votos para que continue sempre na sua alta e nobre missão que até à data tem desempenhado na defesa dos oprimidos, vítimas da tirania da classe preguiçosa.

Vossos e da Causa

Alfredo C. Pessoa

Diamantino Teixeira

Antônio Pavão

Transporte. 4.061\$38

Centimos

Alfredo C. Pessoa. 100

Guilhermino C. Pessoa. 100

João de Oliveira. 100

Antônio Pavão. 50

Armando S. Couto. 50

Diamantino Teixeira. 50

Manuel F. Sousa. 50

João Pimentel. 50

Jerônimo Tavares. 50

Carlos Lima. 25

Manuel Machado. 25

Antônio Mauricio. 100

João L. Medeiros. 50

Manuel B. Rocha. 25

José Gamboa. 25

José A. Carneiro. 60

João Pavão. 10

Manuel Ferreira. 70

Amélia Pimentel. 25

Antônio M. Marques. 25

José Nunes. 25

Adelino Pereira. 15

Antônio Cravo. 25

Anibal Barbosa. 25

Francisca F. Barbosa. 50

João Pimentel. 25

Luís A. Sousa. 25

Manuel Silva. 35

Antônio Galvão. 50

Antônio Sousa. 50

Manuel Teixeira. 50

Ventura Franco. 25

Artur Silva. 25

João Soares. 25

Manuel Vieira. 50

Henrique F. Nobre. 15

Albano M. Venâncio. 25

Emília M. Venâncio. 25

G. C. ... 10

Angelo Medeiros. 25

João Gonçalves. 50

Jacinto Neto. 25

Junipero Barbosa. 25

José Pires. 20

Antônio Silva. 10

Manuel Aguiar. 10

João Feijó. 15

Manuel de Oliveira. 15

João P. Furtado. 50

